

GILSON GIOMBELI

***A Casearia sylvestris* SW (GUAÇATONGA) É EFICIENTE NO COMBATE
DA BACTÉRIA *Helicobacter pylori*?**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

LAVRAS – MG
2007

GILSON GIOMBELI

***A Casearia sylvestris* SW (GUAÇATONGA) É EFICIENTE NO COMBATE
DA BACTÉRIA *Helicobacter pylori*?**

Monografia apresentada ao Departamento de Agricultura da Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Plantas Medicinais: Manejo, Uso e Manipulação, para a obtenção do título de especialista em Plantas Medicinais.

Orientador : Professor José Eduardo Brasil Pereira Pinto

LAVRAS
MINAS GERAIS – BRASIL
2007

GILSON GIOMBELI

***A Casearia sylvestris* SW (GUAÇATONGA) É EFICIENTE NO COMBATE
DA BACTÉRIA *Helicobacter pylori*?**

Monografia apresentada ao Departamento de Agricultura da Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Plantas Medicinais: Manejo, Uso e Manipulação, para a obtenção do título de especialista em Plantas Medicinais.

APROVADA em 21 de abril de 2007

Prof. _____

Prof. _____

Orientador : Professor José Eduardo Brasil Pereira Pinto

LAVRAS
MINAS GERAIS – BRASIL
2007

DEDICATÓRIA

Às pessoas que ajudam a melhorar a qualidade de vida de todos com os recursos naturais.

Às pessoas que dissimulam o espírito de preservação e conservação dos recursos naturais.

Às pessoas que estudam e divulgam o conhecimento dos recursos naturais e, em especial sobre as ervas medicinais.

A todos que fazem uso consciente destes recursos para ter mais vida com qualidade.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos sinceros à minha família: Antônio (pai), Nair (mãe) e, irmãos: Idair, Roseli e Gilberto. Todos possuem morada no meu coração.

Agradecimento especial à minha segunda grande família: Silvana e Gabriel.

Agradecimentos especiais à prof. Zenaide Barcala e, a amiga e prof. Celia Longobardi.

Agradeço a oportunidade que a UFLA me ofereceu e em especial ao meu Orientador José Eduardo Brasil Pereira Pinto.

UM AGRADECIMENTO ESPECIAL À MÃE NATUREZA, POR NOS PROVER O ALIMENTO E A CURA DE NOSSAS DOENÇAS COM RECURSOS NATURAIS.

COMO É BOM SER FILHO DA TERRA E IRMÃO DA NATUREZA. QUE POSSAMOS AJUDAR A FECHAR TUAS FERIDAS NESTES TEMPOS TÃO DIFÍCEIS.

SUMÁRIO

PROBLEMATIZAÇÃO/HIPÓTESE.....	1
JUSTIFICATIVA.....	1
INTRODUÇÃO.....	4
1.HISTÓRIA E CIÊNCIA.....	5
2.CONHECENDO A BACTÉRIA H. pylori.....	6
2.1 FAMÍLIA.....	6
2.2 GÊNERO.....	6
2.3 CLASSIFICAÇÃO.....	6
2.4 DEFINIÇÃO.....	6
2.5 A QUESTÃO DO NOME.....	7
3. COMO AGE A BACTÉRIA.....	8
3.1 FORMAS DE TRATAMENTO.....	8
4. CONHECENDO A <i>Casearia sylvestris SW</i>	9
4.1 NOME CIENTÍFICO.....	12
4.1.1 SINÔNIMOS CIENTÍFICOS.....	12
4.2 FAMÍLIA.....	12
4.3 PARTE UTILIZADA.....	12
4.4 ÉPOCA DE COLHEITA.....	12
4.5 ORIGEM DA <i>Casearia sylvestris SW</i>	13
4.6 NOMES POPULARES.....	13
4.7 DESCRIÇÃO DA PLANTA.....	13
4.8 CURIOSIDADES DA <i>Casearia sylvestris SW</i>	14
4.9 INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS DA <i>Casearia sylvestris SW</i>	15
5. <i>Casearia sylvestris SW</i> E OS ESTUDOS CIENTÍFICOS.....	18
5.1 PRINCÍPIOS ATIVOS DA <i>Casearia sylvestris SW</i>	21
5.1.1 ESTRUTURA QUÍMICA DO ÓLEO ESSENCIAL.....	22
5.1.2 ESTRUTURA QUÍMICA DAS CASEARINAS.....	23

5.2 <i>Casearia sylvestris</i> SW E <i>H. pylori</i>	24
5.3 OUTRAS AÇÕES DA <i>Casearia sylvestris</i> SW.....	25
5.4 ESTUDOS CLÍNICOS DA <i>Casearia sylvestris</i> SW.....	28
6. DOSAGENS INDICADAS NAS DIVERSAS FORMAS DE USO.....	30
6.1 EM FORMAS DE CHÁS.....	30
6.2 DECOCCÃO.....	31
6.3 EXTRATO SECO.....	31
6.4 EXTRATO FLUÍDO.....	31
6.5 TINTURA.....	31
6.6 FOLHAS PILADAS.....	32
7. CUIDADOS AO UTILIZAR A <i>Casearia sylvestris</i> SW.....	33
7.1 SUPERDOSAGEM.....	33
7.2 EFEITOS COLATERAIS.....	33
7.3 CONTRAINDICAÇÕES.....	33
7.4 USO NA GESTAÇÃO.....	34
7.5 USO NA LACTAÇÃO.....	34
8. RELATO DE CASOS.....	35
8.1 CASO I.....	35
8.2 PSEUDÔNIMO.....	35
8.3 HISTÓRICO.....	35
8.4 O CONTATO COM A <i>Casearia sylvestris</i> SW.....	35
8.5 O ENCONTRO.....	36
8.6 OS RESULTADOS.....	36
8.7 FORMA DE PREPARO.....	37
8.8 DOSAGEM INDICADA.....	37
8.9 O EXAME.....	37
8.10 COMENTÁRIOS.....	38
8.11 CONCLUSÃO.....	38
8.12 CASO II.....	38
8.13 PSEUDÔNIMO.....	39
8.14 HISTÓRICO.....	39
8.15 FELICIDADE E A <i>H. pylori</i>	39
8.16 O QUADRO CLÍNICO.....	39
8.17 REGIME ALIMENTAR.....	40
8.18 O QUADRO COMPROVADO POR EXAMES.....	40

8.19 O RESULTADO DO TRATAMENTO COM <i>Casearia sylvestris</i> SW..	40
8.20 O TRAMENTO COM <i>Casearia sylvestris</i> SW.....	41
8.21 CONCLUSÃO.....	41
8.22 CASO III.....	42
8.23 PSEUDÔNIMO.....	42
8.24 HISTÓRICO.....	42
8.25 EXAME.....	42
8.26 O TRATAMENTO.....	43
8.27 CONCLUSÃO.....	43
CONCLUSÃO.....	44
ANEXOS.....	46
ANEXO 1.....	47
ANEXO 1.1.....	48
ANEXO 2.....	49
ANEXO 2.1.....	50
ANEXO 2.2.....	51
ANEXO 3.....	52
BIBLIOGRAFIA.....	53

RESUMO

Na utilização de *Casearia sylvestris SW* em casos de gastrite devido à Bactéria *Helicobacter pylori* há evidências de que é destruída.

Os exames laboratoriais não deixam dúvidas de que *Casearia sylvestris SW* é um tratamento eficiente.

Os indícios são fortes. Contudo, há necessidade de estudos científicos posteriores.

A *Casearia sylvestris* SW(GUAÇATONGA) É EFICIENTE NO COMBATE DA BACTÉRIA *Helicobacter pylori*?

PROBLEMATIZAÇÃO/HIPÓTESE

Na utilização da *Casearia sylvestris* SW (guaçatonga), em casos que há presença da *Bactéria Helicobacter pylori*, há exames em que o resultado é negativo. Procuo entender, fundamentar teoricamente a hipóteses de que a *Casearia sylvestris* SW (guaçatonga) pode ser usada com eficácia em casos positivos da *Bactéria Helicobacter pylori* no estômago. A pesquisa será bibliográfica.

JUSTIFICATIVA

Conheci a *Casearia sylvestris* SW (guaçatonga) e algumas indicações, em 1991. Fui apresentado a esta planta por um pesquisador que se mostrava entusiasmado por ela e pelos resultados obtidos.

Segundo Haroldo Shultz, a guaçatonga era ótima para problemas de estômago, inclusive para a bactéria que provocava gastrite.

Na época, não sabia nem o nome da *Bactéria Helicobacter pylori* e nem conhecia a *Casearia sylvestris* SW.

Segundo as informações do pesquisador, a demonstração prática da eficácia era apresentada na sua utilização em casos como herpes, micose de unhas e até para picadas de aranha. Além, da eficiência contra a *Bactéria Helicobacter pylori*.

Neste ano, surgiu o "encantamento" e interesse em conhecer esta planta.

Algo que me deixou intrigado e muito interessado pela *Casearia sylvestris* SW, foram as aranhas. Na época havia uma infestação de aranhas em

Curitiba. Haroldo havia testado nele mesmo a guaçatonga para picada de uma aranha marrom. Segundo ele, altamente venenosa.

O resultado teria sido surpreendente, segundo Haroldo: não precisou ir ao médico. A guaçatonga (*Casearia sylvestris SW*) havia resolvido o problema.

Meu irmão, Idair Giombeli, havia sido picado por uma aranha quando pequeno. Quase morreu! Como poderia uma planta medicinal combater o tal veneno?

Hoje, sei que não existe somente aranha venenosa. Sei que o pesquisador não mandou fazer teste com a aranha que o picou para ver se realmente era venenosa. Mas, com certeza despertou meu interesse pela guaçatonga.

Depois de conviver um tempo com este pesquisador, iniciei a utilização desta planta medicinal no dia-a-dia.

Não demorou muito tempo para obter resultados positivos para problemas de estômago, como gastrite e úlceras; micoses, herpes e feridas.

Fui admirando cada vez mais esta planta, motivado em parte, pelos resultados práticos. Passei a indicar e contar para mais pessoas sobre a planta. Mais pessoas passaram a usá-la. Da utilização prática surgiram boas notícias. Muitas pessoas melhoravam com o chá desta planta.

Contudo, além da utilização prática, motivava as pessoas a fazerem exames. Agora não havia somente relatos: vieram alguns exames. Nos exames uma constatação de que a guaçatonga teria uma "eficácia" prática contra a Bactéria *Helicobacter pylori*.

O caso mais surpreendente foi de uma mulher que se tratava da Bactéria *Helicobacter pylori* por meio de antibióticos há mais de dez anos, sem conseguir a negatificação nos exames.

Quando contei que a guaçatonga poderia ajudá-la para matar a Bactéria *Helicobacter pylori*, de prontidão quis saber mais e, onde e como usá-la. Disse ela: já estou cansada de usar antibióticos.

Iniciou o tratamento em forma de chá com guaçatonga. O tratamento durou 6 meses.

O exame de endoscopia revelou algo interessante, resultado: Bactéria *Helicobacter pylori* negativo. Foi a *Casearia sylvestris SW* ou foi efeito placebo ou, o exame estava errado? Contudo, o exame foi refeito e mesmo assim, o resultado foi negativo.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa bibliográfica buscarei os fundamentos que provam que a *Casearia sylvestris SW* é capaz de destruir a bactéria *Helicobacter pylori* causadora de gastrite e úlcera estomacal.

Estarei descrevendo brevemente sobre a referida bactéria para introduzir e entendê-la, nos primeiros três capítulos.

Depois, nos capítulos 4-5 mergulharei no conhecimento botânico e na ação farmacológica e princípios ativos da *Casearia sylvestris SW*. Buscarei nestes capítulos utilizar referência e fundamentos em estudos científicos.

No capítulo 6 estarei discorrendo sobre as dosagens e as formas de utilização da *Casearia sylvestris SW*.

No capítulo 7 estão as considerações e critérios para utilizar esta planta. São os cuidados para melhor utilizá-la.

No capítulo 8 estão relatados 3 casos de utilização da *Casearia sylvestris SW* tendo resultado positivo, ou seja, a eliminação da bactéria.

Em seguida da conclusão estão anexados os exames dos 3 casos descritos no último capítulo.

Buscarei com todo o empenho provar que a *Casearia sylvestris SW* é eficiente e capaz de destruir a bactéria *Helicobacter pylori*.

Espero fazer uma boa viagem e que os resultados sejam bons às pessoas que sofrem de gastrite e úlcera provocadas pela referida bactéria.

1- HISTÓRIA E CIÊNCIA

Os cientistas Barry Marshall e J. Robin Warren provaram que a *Bactéria Helicobacter pylori* era a causadora de gastrite. Esta descoberta rendeu aos dois pesquisadores o Prêmio Nobel de Medicina.

Em Ciência, toda hipótese precisa ser confirmada para tornar-se parte do conhecimento científico.

Barry fez a experimentação nele mesmo para comprovar que a *Bactéria Helicobacter pylori* era a causadora da gastrite. Ele ingeriu e infestou seu estômago com a bactéria. Assim, conseguiu a comprovação da sua tese.

Antes desses cientistas, a gastrite e úlceras eram tratadas com dietas e até com cirurgias.

Agora, o tratamento da gastrite, havendo *Bactéria Helicobacter pylori*, é com antibióticos que matam a bactéria. Assim, a estratégia médica para a gastrite mudou. Os próprios exames do aparelho digestório e do estômago mudaram. Hoje, é comum haver biópsia, nos exames de endoscopia do estômago para saber se há presença da *Bactéria Helicobacter pylori*.

2 - CONHECENDO A BACTÉRIA *Helicobacter pylori*

Iniciarei com os estudos biológicos sobre a *Helicobacter pylori*. Assim, as informações ajudam a entender melhor uma causadora de gastrite e úlcera estomacal em humanos.

2.1 FAMILÍA:

Enterobacteriaceae

2.2 GÊNERO:

Helicobacter

2.3 CLASSIFICAÇÃO:

A Bactéria *Helicobacter pylori* é classificada como um agente do tipo infeccioso.

2.4 DEFINIÇÃO

A definição de *Helicobacter pylori* vem com auxílio do grego:

- Helix = helicoidal, que quer dizer: que tem a forma ou é semelhante à hélice.
- Bacter = bactéria (Ferreira, A. B. H., 1986).

É uma bactéria constituída de bacilos Gram-negativos (adjetivo que quer dizer: que é descolorado pelo álcool, no método de coloração de Gram) curvos ou helicoidais. (Bertolucci; Cappelle e Pinheiro, 2001)

2.5 A QUESTÃO DO NOME

Em 1989, a bactéria que foi descoberta em 1982, foi finalmente denominada de *Helicobacter pylori*. Os pesquisadores australianos que isolaram o bacilo, inicialmente a denominaram de GCLO (Gastric Campylobacter Like Organism) que posteriormente recebeu outras denominações até chegar em *Helicobacter pylori*.

3 - COMO AGE A BACTÉRIA

A *Bactéria Helicobacter pylori* se instala no estômago, mais precisamente no antro (é a parte mais inferior do estômago). Instalada no estômago, a bactéria produz uma proteína chamada de Cag. A. Esta proteína na parede do estômago causa um processo inflamatório, pois agride as células epiteliais do estômago.

Devido ao processo inflamatório, a acidez estomacal cai. Outra proteína é produzida: Voc A. Esta proteína provoca danos às células estomacais e impede o sistema imunológico de agir.

3.1 FORMAS DE TRATAMENTO

A medicina alopática trata a *Bactéria Helicobacter pylori* com antibióticos, que eliminam a bactéria do aparelho digestório. Contudo, trabalho com a hipótese de que a *Casearia sylvestris SW* também pode ser eficiente e eliminar a *Bactéria Helicobacter pylori*. É neste sentido que caminha o meu trabalho de conclusão de curso.

4. CONHECENDO A *Casearia sylvestris* SW (GUAÇATONGA)

Antes de iniciar com os estudos sobre esta planta medicinal vamos identificá-la visualmente através de fotos e observar as suas estruturas como copa, tronco, folhas, flores, frutos, madeira, casca. Veja todos os detalhes descritivos em 4.7 Descrição da Planta. Veja as fotos da *Casearia sylvestris* SW.



Foto 1 copa da *Casearia sylvestris* SW (Lorenzi, 2002)



Foto 2 *Casearia sylvestris* SW florida (Lorenzi, 2002)



Foto 3 detalhes do fruto da *Casearia sylvestris* SW (Lorenzi, 2002)

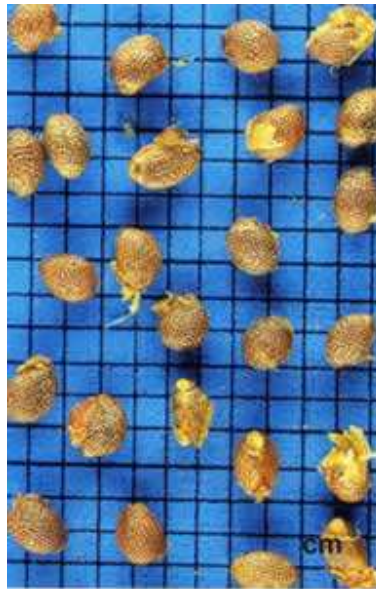


Foto 4 detalhes da semente da *Casearia sylvestris* SW (Lorenzi, 2002)



Foto 5 Panorâmica dos galhos e folhas da *Casearia Sylvestris* SW (Giombeli, 2006)



Foto 6 detalhes da casca da *Casearia sylvestris* SW (Lorenzi, 2002)



Foto 7 detalhes da madeira da *Casearia sylvestris* SW (Lorenzi, 2002)



Foto 8 detalhes dos galhos e folhas (Giombeli, 2006)

Depois de visualmente conhecer a *Casearia sylvestris* SW, iniciarei com os dados botânicos desta planta para aprofundar e conhecê-la melhor.

4.1 NOME CIENTÍFICO

Casearia sylvestris SW

4.1.1 SINÔNIMOS CIENTÍFICOS

Casearia punctata; Casearia samyda; Casearia parviflora; Casearia ovoidea; Casearia subsessiliflora. Casearia caudata. (Lorenzi, H., 2002)

4.2 FAMÍLIA

Flacourtiaceas

4.3 PARTE UTILIZADA

Folhas (detalhes das folhas na foto 2)

4.4 ÉPOCA DE COLHEITA

A colheita das folhas da *Casearia sylvestris* SW é em agosto ou início da primavera, quando começa a floração. (detalhes da floração na foto 2)

4.5 ORIGEM DA *Casearia sylvestris* SW

Esta planta é originária da América Tropical, desde o México até a Argentina. No Brasil vegeta em abundância todo o território. É muito comum nos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. (Lorenzi, H., 2002)

4.6 NOMES POPULARES

A nomeação das plantas pela população não tem muitos critérios. Além disto, podem variar de região para região. Assim, uma planta pode ter muitos nomes e até ter nomes iguais para plantas diferentes. Veja no caso da *Casearia sylvestris* SW. Os nomes populares são:

Guaçatonga, guaçatunga, guacitonga, guaçutunga, vassitonga, chá-de-bugre, raiz-de-bugre, bugre-branco, cafezeiro-do-mato, cafezinho-do-mato, café-do-diabo, chá-de-lagarto, erva-pontada, fruta-de-saíra, cambroé, gaibim, guaçatunga-falsa, guaçatunga-preta, língua-de-lagarto, língua-de-tiú, paratudo, pau-de-bugre, pau-de-lagarto, pau-lagarto, pioia, pitunba-de-folha-miúda, saritã, são-gonçalinho, varre-forno, sarna-de-perro, apiá-ananoçu. (Lorenzi, H., 2002)

4.7 DESCRIÇÃO DA PLANTA

Observar os detalhes visualmente das fotos no início do capítulo.

Árvore de 4-6 metros de altura; dotada de copa densa e arredondada, (observe a foto 1), com tronco de 20-30 cm de diâmetro; (observe a foto 1 e 6)

Casca cinéreo-pardacenta, rugosa e com pequenas fendas quase superficiais; (detalhes da casca na foto 6)

Ramos alongados; (detalhes na foto5)

Folhas persistentes, um tanto assimétricas na base, com glândulas. Suas folhas são alternadas, pecioladas, lanceoladas até ovadas ou elípticas; (observar os detalhes na foto 2)

No ápice da folha apresenta-se aguda até longo-acumiadas. (observe na foto 2)

As folhas em sua base são estreitas ou arredondadas.

Suas flores são numerosas, branco-esverdeadas ou amareladas, com antenas brancas, estigma trilobada, dispostas em cimeiras axiliares de 20-50 flores. (detalhes na foto 2)

Fruto cápsula ovóide-globosa e deiscente, pequena, vermelha, quando maduro, contém de 2-6 sementes envoltas em arilo lanoso, amarelo, comestível. (observar os detalhes nas fotos 3 e 4)

- Deiscente, do latim: dehiscencia, que quer dizer: abertura espontânea de órgão ou partes vegetais ao alcançarem a maturidade. Neste caso é a semente. (Ferreira, A. B. H., 1986).

Árvore nativa em quase todo o Brasil, principalmente no Planalto Meridional. É particularmente freqüente no sul do país. Existem no Brasil outras espécies de *Casearia* conhecidas pelos mesmos nomes populares e com características similares. (Lorenzi, H., 2002)

4.8 CURIOSIDADES DA *Casearia sylvestris* SW

Um dos nomes populares desta planta medicinal é erva de lagarto. É uma planta com um poder analgésico e cicatrizante expressivo. Assim, surgiu uma curiosidade sobre a relação da guaçatonga e o lagarto. Segundo a lenda, o réptil somente enfrenta a cobra se há por perto esta planta medicinal. Caso ele seja picado, come folhas desta planta para se curar. (Panizza, S., 1997)

Em estudos científicos realizados comprovou-se que a *Casearia sylvestris SW* realmente possui um potencial contra picada de cobra jararaca. Portanto, esta relação do lagarto com as cobras, observado popularmente não é só imaginação e criação popular. Há certa fundamentação observada no dia-a-dia dos camponeses, Índios ou pessoas ligadas à natureza. (Borges, M. H., 2000 e 2001)

Os cientistas que conduziram a pesquisa da antivenina descobriram que as folhas e galhos da planta contêm um fitoquímico chamado lapachol.

Este princípio ativo é conhecido e muito estudado pelos cientistas. Contudo, foi descoberto e encontrado inicialmente na planta medicinal conhecida como pau d'arco ou também conhecido como ipê roxo. (*Tabebuia impetiginosa*). (Jornal da UNICAMP 24/11/2005)

Este princípio ativo, lapachol, é reconhecido pela sua ação anticancerígeno e antifúngico. A *Casearia sylvestris SW* possui lapachol em sua constituição.

Assim, estão fundamentas as propriedades:

- Anticancerígena.
- Antifúngica

Outra curiosidade é que os criadores de gado empregam a *Casearia sylvestris SW* para expulsar a placenta após o parto. (Carvalho, J. C. T., 2004)

4.9 INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS DA *Casearia sylvestris SW*

Estas informações são importantes do ponto de vista do conhecimento e caracterização da *Casearia sylvestris SW*. Estas informações são retiradas da obra de Harri Lorenzi, engenheiro agrônomo especializado em identificação botânica.

As informações sobre a *Casearia sylvestris SW* são as seguintes:

A *Casearia sylvestris* SW é uma "**planta perinifólia, heliofita ou esciófita.**" (Lorenzi, H., 2002)

Entendendo tudo isto:

- Perinifólia, é um adjetivo botânico que quer dizer que as folhas não caem antes das novas estarem já desenvolvidas (Ferreira, A. B. H., 1986).
- Heliófita, do ponto de vista ecológico é uma planta que só pode crescer e reproduzir-se sob insolação completa (Ferreira, A. B. H., 1986).
- Esciófita, ecologicamente é uma planta que precisa de sombra para se desenvolver (Ferreira, A. B. H., 1986).

Com a continuação da citação pode-se entender esta aparente contradição. Como uma planta precisa de sombra e ao mesmo tempo estar sob insolação completa?

Na citação encontra-se que é uma planta "**seletiva higrófito, pioneira, característica e preferencial dos subbosques dos pinhais, menos freqüente na floresta pluvial, e rara na floresta estacional semidecídua. Ocorre também com grande freqüência nas formações secundárias como capoeiras e capoeirões.**" (Lorenzi, H., 2002)

Entendendo outros conceitos:

- Higrófito, significa que a planta desenvolve-se em lugares úmidos.
- Decíduo, do latim: deciduu = que cai;
- Semi, do latim: metade, meio
- Pluvial, de pluvio = chuva.
- Floresta, é uma formação arbórea densa, na qual as copas se tocam. (Ferreira, A. B. H., 1986).

Portanto, podemos concluir que é uma planta que é menos freqüente em regiões muito chuvosas, com formações densas, matas. É uma planta que gosta

de solos úmidos. Contudo, não em climas muito chuvosos. É freqüente em locais onde não há grande formação arbórea densa. É freqüente em capoeiras e capoeirões que são formações secundárias. Desenvolve-se na sombra e seu crescimento e reprodução acontecem sob insolação completa.

5 - *Casearia sylvestris* SW e OS ESTUDOS CIENTÍFICOS

Serão apresentadas em resumo algumas das principais atividades e propriedades da *Casearia sylvestris* SW já documentadas.

São as seguintes propriedades da *Casearia sylvestris* SW, observadas:

- Antimicrobiana;
- Analgésica;
- Anestésica;
- Antiácida;
- Antifúngica;
- Antiinflamatória;
- Antiulcerogênica;
- Antiveneno;
- Antiviral;
- Antimutagênica;
- Antitumoral;
- Cicatrizante;
- Citotóxica;
- Depurativa;
- Hemostática.

Estas propriedades farmacológicas da *Casearia sylvestris* SW encontram fundamentos em pesquisas científicas que passo a relatar e comentar. Penso ser importante relatar as atividades farmacológicas já pesquisadas e conhecidas pelos cientistas.

Em divulgação pelo Jornal da Unicamp encontra-se o seguinte relato:

1°. *"A guaçatonga (Casearia sylvestris SW) é considerada uma planta segura e um remédio fitoterápico natural para úlceras, inflamações e dor e*

continuará a ser utilizada como remédio para picada de cobra pela população indígena da selva amazônica" (Jornal da Unicamp, 24/11/2005)

Baseado nestas afirmações, conclui-se que a *Casearia sylvestris SW* possui atividades:

- analgésicas
- antiinflamatória
- antiúlcera

2°. Há um outro estudo científico que mostra o potencial cicatrizante e antiulcerogênico da *Casearia sylvestris SW*. Este estudo foi conduzido pelos pesquisadores do Instituto de Química (IQ) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara e do Instituto de Ciências Biomédicas da USP. Estes pesquisadores obtiveram sucesso na cicatrização de úlceras gástricas induzidas em animais de laboratório, utilizando substâncias obtidas de um extrato de folhas secas da *Casearia sylvestris SW*. Neste estudo identificaram, isolaram e avaliaram os princípios ativos relacionados com a atividade antiúlcera. No texto, não estão relacionados quais são estes princípios ativos.

De acordo com um dos integrantes da pesquisa, José Cavalheiro, a principal vantagem de um novo medicamento à base de extrato de guaçatonga seria sua ação rápida e sem causar efeitos colaterais. Veja:

"A velocidade de cicatrização de úlcera crônica induzida experimentalmente em ratos foi mais rápido com o extrato da guaçatonga do que com os medicamentos mais utilizados." (Basile, A.C., et al., 1990)

Este trabalho científico, comparou a *Casearia sylvestris SW* com medicamentos como o misoprostol, e a cimetidina.

" O extrato pareceu ser mais efetivo que o misoprostol suprimindo a luz das lesões. Foi equivalente à cimetidina e ao misoprostol para lesões moderadas e foi menos efetivo que a cimetidina e misoprostol para lesões graves". Concluíram os pesquisadores e cientistas. (Basile, A.C., et al., 1990)

Conclusão:

A *Casearia sylvestris* SW possui atividades:

- cicatrizante
- antiulcerogênica.

3º. Num estudo científico conduzido pelos pesquisadores Francisco Carlos Groppo e Viviane Goreth Costa Cury, compararam a *Casearia sylvestris* SW com o penciclovir a 1% (medicamento utilizado comercialmente para combater o herpes labial).

"Os resultados apontaram que o creme à base de Casearia sylvestris SW acelera o processo de cicatrização. O Penciclovir, em geral, induz a cicatrização das lesões na média de cinco dias. Com os cremes de Casearia sylvestris SW foram de três a quatro dias, sendo que em alguns voluntários foi possível observar a cicatrização em dois dias." Afirmou a pesquisadora, Viviane. (Jornal da Unicamp, 24/11/2005)

Os pesquisadores da Faculdade de Piracicaba (FOP), Francisco e Viviane, *"conseguiram resultados animadores"* na cicatrização das lesões causadas por herpes labial.

Na pesquisa foram separados em três grupos de 31 voluntários cada e os testes foram do tipo duplo cego, ou seja, no transcorrer dos exames não era sabido qual medicamento estava sendo usado em cada paciente.

É importante observar que:

- herpes labial desaparece usualmente entre 7 a 12 dias em pacientes imunocompetentes, mesmo sem nenhum tratamento.
- *"Normalmente os pacientes apresentam um a dois episódios de recorrência por ano. Em alguns voluntários do estudo em que a recorrência era de dois em dois meses, foi possível verificar que houve inicialmente um aumento do intervalo entre os episódios. Nenhum*

desses voluntários apresentou recorrência das lesões durante o estudo." (Jornal da Unicamp, 24/11/2005)

- O estudo durou 1 ano e meio.
- Em comparação com o Penciclovir a *Casearia sylvestris SW* foi mais eficiente, pois cicatrizou as lesões em menos tempo.

Viviane Goreth Costa Cury, comentou: "*Já se sabia do potencial de cicatrização, antiviral e antimicrobiano da Casearia sylvestris SW*". (Jornal da Unicamp, 24/11/2005)

Assim, conclui-se que a *Casearia sylvestris SW* possui ação:

- cicatrizante
- antiviral
- antimicrobiano.

4º. Há um trabalho científico dos japoneses sobre as propriedades anticancerígenas da *Casearia sylvestris SW*. Foram isolados os princípios ativos denominados de casearinas A-F. Os pesquisadores da Faculdade de Farmacognosia e Farmácia de Tóquio, demonstraram no estudo que a *Casearia sylvestris SW* "*mostrou forte atividade antitumoral em camundongos.*" (Itokawa, H., et al., 1990)

Observar de que neste estudo foram isolados as casearinas de A até F. Contudo, há estudos que isolaram casearinas de A até S.

Conclusão é que a *Casearia sylvestris SW* possui atividade:

- antitumoral

5.1 PRINCÍPIOS ATIVOS DA *Casearia sylvestris SW*

Os princípios ativos conhecidos pela ciência da *Casearia sylvestris SW*, são os seguintes:

- ácido capríônico;

- casearina A até S;
- casearvestrina A até C;
- hesperitira;
- lapachol;
- vicenina;
- óleo essencial;
- taninos;
- antocianosídeo;
- saponinas;
- terpenos;
- triterpenos;
- flavinas;
- flavonóides;
- mucilagens;

Observação: todos os princípios ativos descritos aqui foram descobertos por estudos científicos e em estudos clínicos da *Casearia sylvestris SW* e, em estudos sobre suas ações farmacológicas.

5.1.1 ESTRUTURA QUÍMICA DO ÓLEO ESSENCIAL

O princípio ativo classificado como óleo essencial apresenta vários representantes. São apresentadas as estruturas químicas destes representantes. O óleo essencial foi extraído das folhas da *Casearia sylvestris SW*, através de arraste a vapor e, analisado em sistema de CG/EM. Os compostos abaixo são compostos terpênicos. (Carvalho, 2004) São os seguintes:

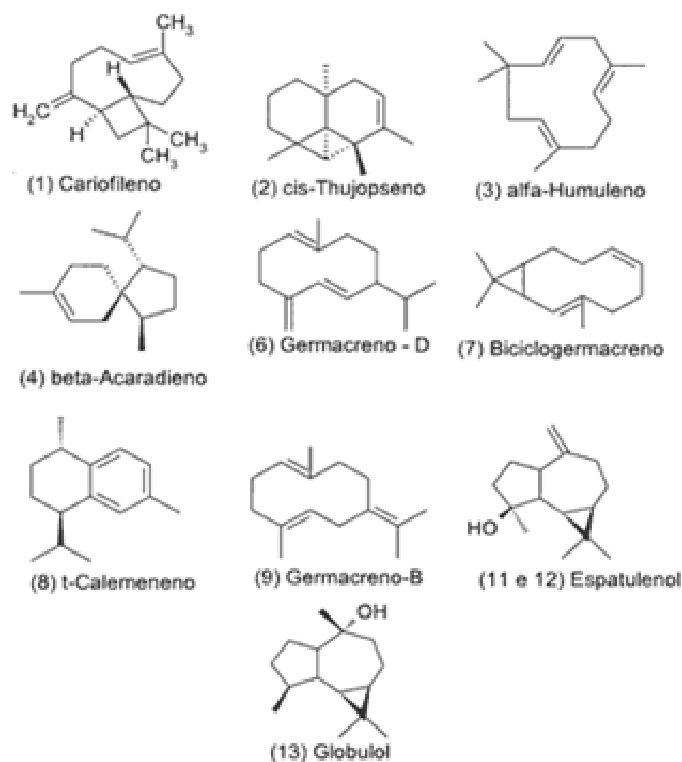


Figura 1 - são apresentadas as estruturas químicas dos representantes do óleo essencial (Carvalho, 2004).

Dentre estes representantes o biciclogermacreno (sesquiterpeno) foi o majoritário. (Carvalho, 2004)

5.1.2 ESTRUTURA QUÍMICA DAS CASEARINAS

Dentre os princípios ativos da *Casearia sylvestris* SW encontram-se, as casearinas, que possuem atividade anti-tumoral. As casearinas identificadas de A à R são compostos diterpenos clerodânicos. Observar que em outras bibliografias há afirmações de que há conhecimento e a descoberta das casearinas de A até S.

Assim, são diversas casearinas. Porém, possuem algo em comum: a sua estrutura química. Observe a estrutura química comum na figura 2: (Carvalho, 2004)

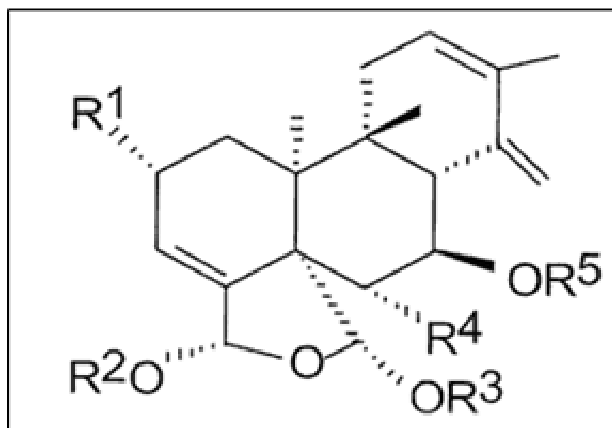


Figura 2 - esta é a estrutura química comum das casearinas (Carvalho, 2004)

5.2 *Casearia sylvestris* SW e *Helicobacter pylori*

Quem despertou, o meu interesse, para esta pesquisa foi Haroldo Shultz, um pesquisador e utilizador da *Casearia sylvestris* SW. Além disso, encontram-se referências bibliográficas para incentivar a pesquisa. Veja por exemplo, uma observação feita sobre a *Casearia sylvestris* SW, pelo pesquisador e professor Sylvio Panizza:

"o seu uso, no caso de halitose de função estomacal, exerce ação imediata, eliminando os fungos e invasores e as bactérias *Helicobacter pylorae*."
(Panizza, S., 1997).

Veja que, Panizza não deixa dúvidas em relação a *Casearia sylvestris* SW e sua ação contra a *Helicobacter pylori*: elimina-a. Assim, a ação aqui sustentada pelo pesquisador é de que a *Casearia sylvestris* SW é bactericida. Assim, a

Helicobacter pylori é destruída. Portanto, no trabalho de pesquisa bibliográfica, encontra a primeira afirmação que vai em ressonância à pesquisa.

Contudo, como há poucas informações e explicações desta ação farmacológica, a pesquisa é direcionada no intuito de buscar mais informações e fundamentos.

5.3 OUTRAS AÇÕES DA *Casearia sylvestris* SW

Em outras bibliografias, como do *Compêndio de Fitoterapia da Herbarium*, encontra-se ações da *Casearia sylvestris* SW que apóiam e reforçam a ação contra a *Helicobacter pylori*. Veja como exemplo, esta ação da *Casearia sylvestris* SW:

"A marcante porcentagem de óleo essencial justifica seu emprego como cicatrizante, anti-séptica, antimicrobiano e fungicida." (Teske e Trentini, 1995)

Nesta afirmação há indícios de que a *Casearia sylvestris* SW pode eliminar fungos, micróbios e é anti-séptica.

Será que os óleos essenciais não ajudam a deter, inibir e até eliminar a *Helicobacter pylori*? É uma hipótese a ser testada posteriormente em laboratório.

Na mesma bibliografia referida acima, encontra-se relacionada uma ação da *Casearia sylvestris* SW para casos de problemas relacionados à mucosa e conseqüentemente ao estômago. Contudo, agora é uma outra substância presente nesta planta medicinal e que possui atividade terapêutica.

"Por conter taninos, forma revestimentos protetores na pele e nas mucosas, dificultando infecções." (Teske e Trentini, 1995)

A ação aqui descrita é que a mucosa é fortalecida por um revestimento. Este revestimento advém da precipitação dos taninos com as proteínas. Será que

os taninos desta planta proporcionam um meio inadequado para a presença da bactéria?

Há no final da citação uma ênfase: "**dificultando infecções**". (Teske e Trentini, 1995)

Do ponto de vista patológico, infecção é a penetração, desenvolvimento e multiplicação de seres inferiores no organismo de hospedeiro, de que podem resultar, para este, conseqüências variadas, habitualmente nocivas, em grau maior ou menor. (Ferreira, A. B. H., 1986)

Portanto, o tanino seria um agente dificultador em casos de infecções.

A hipótese do trabalho é se a *Casearia sylvestris SW* possui eficiência contra um hospedeiro instalado no estômago. Se a *Casearia sylvestris SW* dificulta e cria um meio propício para a sua eliminação, teríamos uma afirmativa de sua eficiência. Esta ação adviria do tanino.

Há outra ação importante descrita:

"A guaçatonga também previne a irritação da mucosa gástrica induzida pelo estresse." (Teske e Trentini, 1995)

Será que esta prevenção não se estende para a irritação ou gastrite causada pela *Helicobacter pylori* ? Estas são algumas das questões que merecem testes estudos posteriores para confirmá-los ou não.

O Pesquisador José Carlos Tavares Carvalho, 2005, em sua obra: Formulário Médico-Farmacêutico de Fitoterapia, cita algumas ações farmacológicas da *Casearia sylvestris SW*. Destaco as seguintes:

- anti-séptico genital;
- anti-gastrálgica.

A ação anti-gastrálgica (gastrálgica deriva de gastralgia, substantivo relacionado à patologia, quer dizer: dor no estômago) esta generalizada. Não há uma especificação de problema e nem o causador deste. Contudo, segundo Carvalho, a *Casearia sylvestris SW* combate dores estomacais. Como, com a

presença de *Helicobacter pylori*, pode surgir dor. Não há certeza de que a *Casearia sylvestris* SW seja eficiente para combater a causa da dor, em caso positivo de haver, no estômago, a referida bactéria. Entretanto, há ação, da planta no estômago.

A outra ação descrita é a anti-séptica. Destaco que:

- anti, do grego, que quer dizer: ação contrária, oposição, contra.
- séptico, do grego, que contém germes infectantes.
- germe, do latim, micróbio; a causa de qualquer coisa.
- Observar que micróbios (latim) incluem categorias como protozoários, cogumelos e bactérias. (Ferreira, A. B. H., 1986)

Anti-séptico é relativo à anti-sepsia. Diz-se de substância capaz de impedir, pela inativação ou destruição dos micróbios infectantes.

Será que esta destruição não se estende a *Helicobacter pylori*? A *Casearia sylvestris* SW teria entre seus princípios ativos (são substâncias com características químicas e com finalidades terapêuticas, pois possuem ação farmacológica) alguma substância eficiente contra este micróbio? (Carvalho, 2005)

Há uma citação do Dr. Leme Franco referindo-se de que a *Casearia sylvestris* SW ajuda a eliminar a bactéria. Veja a citação:

"As folhas são utilizadas com sucesso em casos de úlceras pépticas e também em gastrites, úlceras varicosas, feridas, picadas de insetos, herpes, aftas e todo tipo de ulcerações. Tem saponina, uma substância química antiinflamatória e tanino, um princípio adstringente. Segundo alguns, ajudam a eliminar a bactéria Helicobacter pylorae" (Franco, op. Cit. In Mota, A. L. T. L., 2007)

Não há citado as fontes mencionadas. Não há explicações mais detalhadas da ação da *Casearia sylvestris* SW, contra a bactéria. Como a planta

ajudaria eliminar a *Helicobacter pylori*? Pelo texto é uma incógnita. Seria o tanino, o princípio ativo responsável? Não há como afirmar.

5.4 ESTUDOS CLÍNICOS DA *Casearia sylvestris* SW

Os estudos clínicos com a *Casearia sylvestris* SW confirmam várias ações farmacológicas. As pesquisas científicas mostram o isolamento de vários princípios ativos e suas respectivas atividades. Resumidamente, mencionarei os resultados destes estudos.

Em estudo de 2002, foi isolado das folhas e galhos da *Casearia sylvestris* SW, três novos diterpenóides clerodano, chamados de casearvestrinas A-C (1-3). Estes princípios ativos demonstram possível bioatividade tanto com relação à citotoxicidade quanto à ação antifúngica.

- cito, do grego = célula, cavidade;
- toxidade, deriva de toxicidade, que quer dizer: caráter do que é tóxico.
- tóxico, do latim: veneno. Do grego: subentende-se pharmakón
- pharmakón = veneno, remédio, medicamento. (Ferreira, A. B. H., 1986)

Esta "*possível atividade citotóxica contra um painel de tipos de células tumorais e ação antifúngica é devido à inibição do crescimento do aspergillus niger em um disco de difusão*" (Oberlies, N. H., et al., 2002)

Em outro estudo científico foi isolado diterpenos clerodano 12-13 que mostram efeito no DNA.

"Além disso, nós reportamos vários interessantes antifúngicos iridoides potentes: 1 beta-hidroxi-dihidrocornina (14), 1 alpha-hidroxi-dihidrocornina (15), alpha-gardiol (16), beta-gardiol (17), plumericina (18), isoplumericina(19), 11-O-trans-cafeoilteucreina (20), derivados do éster: 2-metil-4-hidroxi-butil-cafeato (21), amido de perrolidina N-[7-(3',4'-

metilenedioxifenil)-2z, 4Z-eptadienoil] (22) e viburgenina triterpeno (23)."
(Bolzani, V., et al., 1999)

Em estudo conduzido, entre uma seleção de plantas medicinais recomendadas, popularmente, como veneno antiofídico, demonstrou que a *Casearia sylvestris* SW possui atividade antiinflamatória e analgésica. (Ruppelt, B. M., et al., 1991)

6 - DOSAGENS INDICADAS PARA DIVERSAS FORMAS DE USO

Nas bibliografias consultadas apresentam dosagens diversas e para formas diferentes da utilização desta planta. Para uma orientação prática são separadas as formas de utilização e suas dosagens.

6.1 EM FORMA DE CHÁS

As doses vão variar para cada caso. Veja:

1º. HALITOSE; GASTRITE ÚLCERAS INTERNAS

Para estas doenças é indicado 1 colher (de sobremesa) de folhas frescas e fatiadas. Adiciona-se água fervente. Abafar por 10 minutos e coar. Tomar 1 xícara (de chá) antes das principais refeições. (Panizza, S., 1997)

2º. ESCARAS; FERIDAS; ÚLCERAS VARICOSAS; PICADAS DE INSETOS

3 colheres (sopa) de folhas secas picadas em meio litro de água em fervura. Ferver por 10 minutos e coar. Aplicar nas afecções com algodão 2 a 3 vezes ao dia. (Panizza, S., 1997)

3º. HERPES LABIAL E GENITAL

É indicado para estes casos 2 colheres (sopa) de folhas picadas em 1 copo de água em fervura. Desligar o fogo e esperar esfriar. Depois de coado em um pano, aplicar nas partes afetadas com algodão. É indicado para herpes genital a utilização de banho de assento. Aqui nesta forma de utilização não é especificado se as folhas são secas ou frescas. (Panizza, S., 1997)

6.2 DECOCCÃO

Para uso interno é indicado na forma de decocção, 2 colheres (de sopa) de folhas em 1 a 2 xícaras de água 2 vezes ao dia. Aqui não é indicado se as folhas são frescas ou desidratadas. (Teske e Trentini, 1995)

6.3 EXTRATO SECO

Para uso interno é indicado o extrato seco na dosagem de 57,5 mg/kg. (Teske e Trentini, 1995)

Outro autor, indica o extrato seco em outra dosagem: "**Extrato seco: 280mg 3 vezes ao dia.**" (Carvalho, J. C. T., 2004)

6.4 EXTRATO FLUÍDO

Em extrato fluído há uma referência na bibliografia pesquisada: "**Extrato fluído (solução hidroalcoólica 65%): 30 gotas 3 vezes ao dia.**" (Carvalho, J. C. T., 2004)

6.5 TINTURA

Para casos de gastrite e úlceras internas são indicadas 2 colheres (sopa) de folhas secas picadas em 1 xícara (chá) de álcool de cereais a 60%. Deixar em maceração por 5 dias e coar. Tomar 1 colher (café) diluído em água, 10 minutos antes das principais refeições. (Panizza, S., 1997)

Outro pesquisador, indica a dosagem em tintura, da seguinte forma: "**Tintura (1:5): 50 gotas 3 vezes ao dia**". (Carvalho, J. C. T., 2004)

6.6 FOLHAS PILADAS

Esta forma de utilização é indicada para gengivite, estomatite, aftas, feridas na boca. São colocadas 2 colheres (sopa) de folhas frescas no pilão; 2 colheres (sopa) de álcool; 1 colher (sopa) de glicerina. As folhas são bem amassadas. Coar e aplicar no local afetado com algodão 2 a 3 vezes ao dia. (Panizza, S., 1997)

6.7 DOSAGENS INDICADAS E OS ESTUDOS CIENTÍFICOS

Encontra-se no Jornal da Unicamp a seguinte orientação:

"O remédio fitoterápico natural requer 20 gramas de folhas secas em infusão, em um litro de água. Tomar oralmente o equivalente a ¼ de um copo de 2 a 3 vezes ao dia." (Fonte: Jornal da Unicamp 24/11/2005)

Em estudo científico conduzido para avaliação farmacológica da *Casearia sylvestris* SW encontra-se a seguinte dosagem:

"A uma dose profilática de 57,5 mg/kg, o extrato mostrou uma redução do suco gástrico mais efetiva que o misoprostol (500 microgramas/kg)." (Basile, A. C., et al., 1990)

Na conclusão do estudo sobre os experimentos toxicológicos encontra mais um comentário sobre uma dosagem eficiente.

"Experimentos toxicológicos indicaram uma baixa toxicidade aguda, confirmado pelo teste diário subcrônico. O valor da dose oral DL50 maior que 1840 mg/kg foi de 32 vezes maior que DE50 (57,5 mg/kg) antiulcerogênica!" (Basile, A. C., et al., 1990)

Nesta indicação não se encontra descrito as equivalências ao utilizar outras formas como os chás por infusão ou decocção.

7 – CUIDADOS AO UTILIZAR A *Casearia sylvestris* SW

7.1 SUPERDOSAGEM

Há uma referência bibliográfica de superdosagem encontrada no Compêndio de Fitoterapia da Herbarium de "DL 50 acima de 1840 mg/kg." (Teske e Trentini, 1995)

Isto quer dizer, que a *Casearia sylvestris* SW utilizada em um extrato vegetal hidroalcolico, numa dosagem 1840mg/kg, em animais de experiência, observou-se a morte de 50%. (Bertolucci; Cappelle e Pinheiro, 2001)

Contudo, esta dosagem é 32 vezes maior do que a dose antiulcerogênica. Segundo estudo conduzido, a DE50 é de 57,5 mg/kg. (Basile, A. C., et al., 1990)

Assim temos: DE50, quer dizer que é a dose efetiva mediana. Ou seja, é a dose necessária para produzir determinada intensidade de um efeito em 50% dos indivíduos. Não está descrito quem foram as cobaias. Tanto pode ter sido indivíduos ou quanto animais e, receberam uma dose de 57,5 mg/kg.

7.2 EFEITOS COLATERAIS

Na bibliografia consultada relata, como efeitos colaterais, que a urina torna-se viscosa, adocicada e com odor característico. (Teske e Trentini, 1995)

7.3 CONTRA - INDICAÇÕES

Em toda a bibliografia consultada não há referências.

Há necessidade de mais estudos sobre possíveis contra - indicações desta planta. Porém, em estudos sobre dosagens conclui-se que é uma planta com pouco potencial tóxico. Talvez, por isso, não apresenta até o momento contra

indicações. A *Casearia sylvestris SW* parece ser uma planta eficiente e com margens de segurança para seu uso. Contudo, cabe lembrar que isto não quer dizer: use qualquer dosagem e em qualquer circunstância. Poderão surgir contra indicação que são ainda desconhecidas.

Observar o item seguinte que pode ser entendido como uma possível contra-indicação. Não há uma confirmação em humanos, mas vale destacá-la como uma possível contra-indicação.

7.4 USO NA GESTAÇÃO

A *Casearia sylvestris SW* "é empregada pelos criadores de gado para expulsar a placenta após o parto, e tendo sido verificado experimentalmente atividade sobre a musculatura uterina de ratas, o que poderia explicar sua atividade abortiva." (Carvalho, J. C. T., 2004)

Assim, há uma possível contra - indicação desta planta que é o uso durante a gestação. Para precaução e partindo das observações de atividade sobre a musculatura uterina de ratas, não se indica a utilização de *Casearia sylvestris SW* em estados gravídicos. Há necessidade de mais estudos posteriores.

7.5 USO NA LACTAÇÃO

Não há informações bibliográficas sobre o uso da *Casearia sylvestris SW* durante a lactação. Contudo, vale lembrar de que isso não quer dizer que se pode usar a *Casearia sylvestris SW* na lactação. Há necessidade de testes em laboratório para confirmar se a planta pode ser usada ou não pelas lactentes.

8 - RELATO DE CASOS

Serão relatados alguns casos em que foi utilizado a *Casearia sylvestris* SW em que foi comprovada, por exames, a presença de *Helicobacter pylori*. Serão descritos as formas de utilização e dosagens utilizadas e os resultados obtidos.

8.1 CASO 1

Sr(a) M. A. R. C. P., 38 anos

8.2 PSEUDÔNIMO

Vou chamar Sr(a) M. A. R. C. P. de *Vitória*.

8.3 HISTÓRICO

Vitória teve diagnosticado por endoscopia *Helicobacter pylori*, 5 anos antes de conhecer a *Casearia sylvestris* SW.

Durante estes 5 anos tratou periodicamente com antibióticos e outros remédios indicados pelos médicos.

Em todo este tempo nunca apresentou o resultado negativo para *Helicobacter pylori* ou para urease.

8.4 O CONTATO COM A *Casearia sylvestris* SW

No final de novembro de 2004, a professora Célia Longobardi estava em sala de aula ministrando aulas de ciências para adolescentes.

O assunto era aparelho digestório com ênfase em estômago.

Como Célia é farmacêutica e fitoterapeuta discorria sobre problemas gástricos mais comuns e mostrava o potencial das ervas medicinais para tratar estas disfunções.

O filho de **Vitória** ficou muito interessado e indagou a Professora sobre a possibilidade de tratar a mãe com plantas medicinais.

Passaram-se poucos dias e Célia orientou **Vitória** a utilizar a *Casearia sylvestris* SW.

8.5 O ENCONTRO

Célia Longobardi encontrou **Vitória** em uma situação deplorável. Nos últimos 6 meses, **Vitória**, só se alimentava por comida líquida e tinha muitas dores estomacais.

Após o exame médico do dia 29/09/2004 foi indicado vários remédios que **Vitória** se recusou tomar devido aos problemas causados anteriormente.

8.6 OS RESULTADOS

Vitória usou 2 vidros de 30ml de tintura-mãe de *Casearia sylvestris* SW, preparados por Célia Longobardi.

Vitória passou a usá-los de imediato. Duas semanas após não sentia mais dores abdominais.

Em fevereiro, **Vitória**, passou a ingerir comida sólida com restrições. As restrições não eram devido a dores e sim ao receio de que tudo voltasse. Literalmente, **Vitória** estava com muito medo.

8.7 FORMA DE PREPARO

A tintura-mãe que Célia preparou foi feita da seguinte forma:

- num vidro 1:5 de erva seca e 4:5 de álcool de cereais a 70%.
- noutro vidro 1:5 de erva seca e 4:5 álcool de cereais a 30%.

Deixada a *Casearia sylvestris* SW em maceração no escuro por 6 dias. Após, misturados os dois líquidos para obter a concentração 50% e deixado em maceração por mais 8 dias no mesmo bagaço. Coado em seguida e usado diluído em água.

8.8 DOSAGEM INDICADA

Célia indicou 20 gotas 3 vezes ao dia e diluído em meio copo de água. A orientação não determinou os horários e, sim que deveria ser de manhã, tarde e noite. Assim, o horário foi escolhido aleatoriamente por *Vitória*.

Observação: um pouco antes dos exames, *Vitória*, fez uso de chá de *Casearia sylvestris* SW e de *Maytenus ilicifolia*.

8.9 O EXAME (verificar em anexo, no anexo 1, o exame na íntegra)

1º. Exame: dia 29/09/2004

***"Conclusão: gastrite endoscópica hiperêmica moderada no antro.
Pesquisa de Helicobacter pylori: positiva".***

2º. Exame: dia 16/04/2005

"Conclusão: gastrite enantematosa de leve intensidade na região do antro.

Obs. A pesquisa de Helicobacter pylori através do teste de urease resultou negativa."

8.10 COMENTÁRIOS

1°. Mesmo no caso da gastrite há diferença entre o primeiro e segundo exame. Veja no exame a descrição em detalhes.

2°. Observar que *Vitória* estava com medo e a ação provavelmente não foi efeito placebo.

3°. *Vitória* havia usado remédios alopáticos em vários momentos durante os 5 anos antes e ficou descrente.

4°. *Vitória* não usou nenhum outro método terapêutico seja ele alopático ou natural durante o tratamento com *Casearia sylvestris SW*.

5°. A utilização de *Casearia sylvestris SW* foi por pouco tempo.

6°. Um pouco antes de fazer o exame, *Vitória*, passou a utilizar *Maytenus ilicifolia*.

8.11 CONCLUSÃO

O resultado da utilização da *Casearia sylvestris SW* foi eficiente e destruiu a *Helicobacter pylori*.

"*Vitória*" da *Casearia sylvestris SW* sobre a *Helicobacter pylori*. Este é o resultado no primeiro caso descrito. Cabe observar que, houve a utilização da *Maytenus ilicifolia*, por pouco tempo.

8.12 CASO II

Sr(a) V. L. V. G., 54 anos.

8.13 PSEUDÔNIMO

Vou chamá-la de Felicidade.

8.14 HISTÓRICO

Felicidade fez o primeiro exame que detectou a *Helicobacter pylori* no ano de 2000. Não há precisão na data.

8.15 FELICIDADE E A *H. pylori*

Felicidade, durante vários anos tratou com remédios alopáticos. Contudo, todos os exames feitos jamais tiveram os resultados negativos para *Helicobacter pylori*. Segundo Felicidade, só um dos tratamentos custou R\$ 1.100,00 reais.

Cabe observar que havia um pouco de melhora ao tomar os remédios. Contudo, ao deixar de usar os remédios todos os problemas voltavam.

Felicidade se refere aos remédios que usava como "todos que são para este problema" sem citá-los todos.

8.16 O QUADRO CLÍNICO

Felicidade apresentava um quadro clínico complicado. Tinha sangramentos da mucosa estomacal. Teve em vários momentos hemorragias fortes e ficou até internada em decorrência das complicações causada pela bactéria.

Nos últimos tempos apresentava um quadro de refluxo esofágico com vômito em qualquer descuido alimentar. Felicidade afirmou: "**o sofrimento era sempre após as refeições.**"

8.17 REGIME ALIMENTAR

Felicidade não podia comer nada ácido, doce, frituras, tomar café e todos os alimentos fortes. Tudo tinha que ser escolhido cuidadosamente.

Este regime alimentar foi feito durante todo o tempo de tratamento alopático.

8.18 O QUADRO COMPROVADO POR EXAMES

1º. Exame (em anexo, na íntegra e com detalhes), 01/02/2001.

"Conclusão: pangastrite leve enantemática; úlcera bulbar cicatrizada; bulbo duodenite erosiva leve.

Teste da urease positivo para pesquisa de Helicobacter pylori".

2º. Exame (em anexo, na íntegra e com detalhes), 9/12/2003.

"Conclusão: úlcera bulbar em fase inicial de cicatrização; retrações cicatriciais bulbares.

Teste da urease positivo para pesquisa de Helicobacter pylori".

Observar que estes exames foram depois de ter utilizado os remédios alopáticos.

8.19 O RESULTADO DO TRATAMENTO COM Casearia sylvestris SW

3º. Exame (em anexo, na íntegra e com detalhes), 05/08/2004.

"Conclusão: pangastrite enantematosa leve; úlcera bulbar em fase inicial de cicatrização.

Teste da urease negativo para pesquisa de Helicobacter pylori".

Observação: este exame foi após o tratamento com *Casearia sylvestris SW* que passo a relatar.

8.20 O TRATAMENTO COM *Casearia sylvestris SW*

Felicidade utilizou-se de tintura-mãe de *Casearia sylvestris SW* por 3 meses. A concentração e modo de fazer foi o mesmo descrito no caso I.

A dosagem utilizada foi de 20 gotas diluídas em água 3 vezes ao dia antes das refeições.

Depois deste tratamento não havia mais problemas com dores, sangramentos ou hemorragias.

Contudo, Felicidade continuou com o tratamento. Porém, mudou a estratégia de tratamento: usou durante mais 3 meses o chá de *Casearia sylvestris SW* e *Maytenus ilicifolia* na proporção de 50% de cada.

A dosagem foi de 1 colher de folhas secas de cada para cada xícara do chá, 3 vezes ao dia antes das refeições.

8.21 CONCLUSÃO

1°. Como no caso anterior foi associado *Maytenus ilicifolia* na etapa final do tratamento.

2°. É importante observar que a utilização dos remédios alopáticos foi por um tempo grande.

3°. Provavelmente os exames estavam certos. Pois, a Felicidade sentia e sente-se até hoje bem. Isso não acontecia antes.

4°. É improvável que esta ação tenha sido por efeito placebo.

5°. A eficiência da *Casearia sylvestris SW* está evidenciada com a destruição ou a negatificação da *Helicobacter pylori*.

8.22 CASO III (em anexo o exame com detalhes)

Sr(a) E.O.C., 40 anos.

Observação: este caso está descrito em monografia da Humaniversidade Holística, como tese de conclusão do Curso de Naturopatia. Os autores são: Gustavo Silva Santos e Luciana de Almeida Stecconi.

8.23 PSEUDÔNIMO

Sr(a) E.O.C., Será chamada de Sucesso.

8.24 HISTÓRICO

*"A cliente havia feito exame que acusou a gastrite (*Helicobacter pylori*), depois de tomar a tintura de guaçatonga (*Casearia sylvestris* SW), além de não ter sentido mais dor nenhuma, realizou exame que não acusou mais nada."* (Santos, S. S. e Stecconi, L. A., 2006)

8.25 EXAME

Em anexo encontra-se o exame com a negatificação da *Helicobacter pylori*. Porém, neste caso, não há o exame anterior para confrontação de resultados.

8.26 O TRATAMENTO

"Trinta gotas de Casearia sylvestris SW, três vezes ao dia, durante vinte dias." (Santos, S. S. e Stecconi, L. A., 2006)

8.27 CONCLUSÃO

Neste caso, não há mais dados ou detalhes importantes. Assim, o relato ficará incompleto. Exemplo: não há como foi feita a tintura, horário que tomou, etc.

Contudo, o exame comprova que houve negatificação da *Helicobacter pylori*.

CONCLUSÃO

Os estudos científicos e os estudos clínicos com a *Casearia sylvestris SW* permitem afirmar de que há evidências de que a *Casearia sylvestris SW* destrói a *Helicobacter pylori*. Isso está sustentado pela confirmação das ações bactericida, germicida, fungicida e antimicrobiana da planta.

Contudo, evidências não são confirmações científicas. Portanto, este estudo deverá ser confirmado posteriormente em laboratório e por pesquisas.

Cabe destacar que há casos em que os exames laboratoriais confirmam a destruição e a negatização da bactéria *Helicobacter pylori*.

Entretanto, não tenho como afirmar categoricamente que é a ingestão de *Casearia sylvestris SW* que destrói e negativa tal bactéria.

É animador, saber que uma planta, abundante no Brasil, evidencia ser capaz de destruir e negatizar a bactéria *Helicobacter pylori*.

Assim, concluo este estudo bibliográfico com um apelo aos pesquisadores e aos governantes. Em especial, aos governantes que podem destinar verbas para pesquisas futuras, na área das plantas medicinais.

O apelo é este: as pesquisas requerem dos pesquisadores criatividade e não dogmatismos. Requer muita disposição para superar as comodidades e o sistema vigente que pouco incentiva e patrocina pesquisas sobre plantas medicinais.

Nesta área, o pesquisador precisa de uma visão holística. A visão da totalidade deve considerar desde a utilização de plantas medicinais no emprego popular; para decifrar e descobrir os mecanismos de ação, até nos fito complexos das plantas medicinais e suas ações nos sítios de ação no organismo.

Para haver avanço exige verbas destinadas para as Universidades, como a UFLA, (que supera o comodismo e chega em lugares nunca alcançados), pelo poder público e privado. Envolvimento e disposição dos pesquisadores. Sempre

que necessitei vi muita força de vontade nos professores, na pessoa de José Eduardo Brasil Pereira Pinto.

A população brasileira merece boas pesquisas científicas sobre plantas medicinais. A população deve ser educada, para enxergar as belezas e as preciosidades que estão ajudando a destruir: as plantas e os animais. As plantas precisam da fauna e os animais precisam das plantas e homem de ambos para ter uma vida com qualidade. Que o "senhor" da natureza possa perceber a tempo de preservar e manter o planeta vivo.

ANEXOS

Estão anexados os exames relativos aos casos descritos no trabalho, no capítulo 8. Os exames foram dispostos como no capítulo, ou seja, caso 1 está relacionado ao anexo 1.

ANEXO 1

VIDEO ENDOSCOPIA

Data: 29/09104

No 23020

Dr. (a) : Paulo Albuquerque Tuono

Convenio: Porto Seguro

Exame realizado com Vídeo Endoscópio. Olympus CV 100 previamente desinfetado com Glutaraldeído em lavadora Auto Desinfector- Olympus Key-Med.

RELATÓRIO

Pré-Medicação : Habitual Com Resultado Satisfatório

Esôfago

Calibre e motilidade sem alterações.

Mucosa sem alterações em toda a sua extensão.

Transição esôfago-gástrica a 40 cm da arcada dentária superior.

Cárdia continente.

Estômago

Câmara gástrica de proporções normais, com boa expansibilidade e apresentando relevo mucoso bem distribuído e regular.

Lago mucoso, em regular quantidade sem elementos patológicos.

Na manobra de "U-turn" o exame do cárdia e do fundo esta normal.

Mucosa do antro com hiperemia moderada, edema, congestão, sem lesões. Biópsia para pesquisa de H. pylori .

Piloro normotônico, regular e com boa mobilidade.

Duodeno

Bulbo regular, elástico e bem distensível.

Mucosa sem alteração em toda a sua extensão.

Porções pós-bulbares sem alterações.

Conclusão

- Gastrite endoscópica hiperemica moderada de antro.

Pesquisa de *Helicobacter pylori* : (X) Positiva

() Negativa,



— Dr. Rodrigo Dal Borgo Abraldez
CRM 21.167

ANEXO 1.1

Solicitante: Dr(a). MARIO SILVA MONTEIRO

Data: 16 de abril de 2005

N.º 0081097101

EXAME ENDOSCOPICO: ESOFAGOGASTRODUODENOSCOPIA

Passagem sem dificuldades do endoscópio pelo cricofaríngeo, encontrando-se o esôfago normal em todo trajeto. Não há câmara gástrica herniada e tampouco indícios de refluxo gastroesofágico ou esofagite evidente. Ausência de formações varicosas no trajeto examinado.

Estômago sem alteração anatômica e paredes regularmente distensíveis. Secreção clara acumulada em volume habitual e sem resíduos alimentares. A retrovisão, cárdia e fundo sem alterações. Corpo com pregas mucosas de estrutura e distribuição conservadas. Pequena curvatura e incisura angular normais. No antro presença de enantema leve e difuso, sem erosões. Peristaltismo de curso regular e abertura uniforme do piloro.

Duodeno examinado até a segunda porção, não sendo observadas alterações.

CONCLUSÃO:

Gastrite enantematosa de leve intensidade na região do antro.

Obs.: A pesquisa de *helicobacter pylori* através do teste da urease resultou negativa

ANEXO 2

São Paulo, 1 de Fevereiro de 2001

A(o): Dr(a) ROMULO LEITE SANTOS - 665678/ 1

ENDOSCOPIA

ESÔFAGO: Calibre, motilidade e distensibilidade preservada.

Mucosa com aspecto normal em todo o trajeto.

A transição esôfago gástrica situa-se a nível do pinçamento diafragmático, sem evidências de hernia de hiato.

ESTÔMAGO: Com boa distensibilidade e peristalse. Lago mucoso formado por liquido claro em pequena quantidade. Pregueado mucoso regular e uniformemente distribuido. A mucosa de corpo e antro apresentam-se com enantema leve, difuso, sem solução de continuidade. Píloro centrado, regular e transposto com facilidade.

DUODENO: Bulbo com distensibilidade conservada, presença de cicatriz linear branca em parede anterior de bulbo-duodenal, presença ainda de erosões planas com fibrina. Porção pós-bulbar sem alterações.

CONCLUSÃO:

- PANGASTRITE LEVE ENANTEMÁTICA. ~`
- ÚLCERA BULBAR CICATRIZADA.
- BULBO DUODENITE EROSIVA LEVE.

TESTE DA UREASE POSITIVO PARA PESQUISA DE
HELICOBACTER PYLORI.

OBS.: TRAZER ESSE LAUDO AO RETORNAR PARA NOVO
EXAME.

CRM: 84179

san05458

RIGUES DE A SOUZA

MONICA RODRIGUES DE A. SOUZA
CRM: 84179

ANEXO 2.1

São Paulo , 9 de Dezembro de 2003

A(o): Dr(a) LAURA MABEL AQUINO OJEDA - 1633019/1

ENDOSCOPIA

ESÔFAGO: Com calibre, motilidade e distensibilidade preservados. Mucosa íntegra e com aspecto normal em todo trajeto. Transição esôfago-gástrica 1,0cm acima de pinçamento diafragmático.

ESTÔMAGO: Com boa distensibilidade e peristalse. Lago mucoso formado por líquido claro em pequena quantidade. Pregueado mucoso regular e uniformemente distribuído em regiões de fundo e corpo. A mucosa no corpo, fundo, incisura angularis e antro apresentam-se com aspecto normal. Ausência de lesão ulcerosa, tumoral ou infiltrativa. Píloro centrado, regular e transposto com facilidade.

DUODENO: Bulbo duodenal com distensibilidade pouco diminuída às custas de retrações cicatriciais notando-se em parede anterior úlcera em fase inicial de cicatrização, com 5mm, fundo com fina camada de fibrina e bordas pouco elevadas. Porção pós bulbar normal.

CONCLUSÃO

- ÚLCERA BULBAR EM FASE INICIAL DE CICATRIZAÇÃO.
- RETRAÇÕES CICATRICIAIS BULBARES.

TESTE DA UREASE POSITIVO PARA PESQUISA DE HELICOBACTER PYLORI.

OBS.: TRAZER ESSE LAUDO AO RETORNAR PARA NOVO EXAME.

Dr(a) Marcio Xerfan Mattar
CRM 53047

ANEXO 2.2

A(o): Dr(a) LAURA MABEL AQUINO OJEDA SP,
Convênio: MEDIAL SAUDE/STANDARD 05/08/2004
Origem: AMBUL 0614662

ENDOSCOPIA

ESOFAGO:

Com calibre, motilidade e distensibilidade preservada. Mucosa íntegra e com aspecto normal em todo trajeto. Transição esôfago-gástrica 1 cm acima de pinçamento diafragmático.

ESTÔMAGO:

Com boa distensibilidade e peristalse. Lago mucoso formado por líquido claro em pequena quantidade. Pregueado mucoso regular e uniformemente distribuído- A mucosa do corpo e antro apresentam-se com enantema leve, difuso, sem solução de continuidade. Píloro centrado, regular e transposto com facilidade.

DUODENO:

Bulbo distensível notando-se em parede ântero-superior, úlcera em fase inicial de cicatrização, com fundo com fina camada de fibrina, bordas pouco elevadas. Porção pós bulbar normal.

CONCLUSÃO: - Pangeastrite enantematosa leve.
- Úlcera bulbar em fase inicial de cicatrização.

TESTE DA UREASE NEGATIVO PARA PESQUISA DE
HELICOBACTER PYLORI.

OBS: TRAZER ESSE LAUDO AO RETORNAR PARA NOVO
EXAME.

Dr. Marcio Xerfan Mattar
CRM-SP: 42047

ANEXO 3

SANTA CASA DE MISERICORDIA
DE SANTO AMARO

AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADE
SERVIÇO DE ENDOSCOPIA

PACIENTE: E. O. C. (196.863.818)

EXAME: Esofagogastroduodenoscopia.

INDICAÇÃO: Ora. DoIores Paz –SUS

RELATÓRIO

ESÔFAGO

Calibre, trajeto e morfologia mucosa conservados. TEG situada junto do pinçamento diafragmático. Ausência de hérnia hiatal mesmo sob manobras de esforço. Cárdia permeável com facilidade.

ESTÔMAGO

Capacidade e distensibilidade das paredes conservadas. Presença de líquido bilioso claro em regular quantidade. Mucosa de fundo, corpo, Incisura angularis e antro de aspecto conservado. Peristaltismo preservado. Píloro centrado e permeável com facilidade.

DUODENO

Bulbo com expansibilidade das paredes preservadas e a mucosa de aspecto conservado. Porção pós bulbar sem alteração.

CONCLUSÃO

- ESOFAGOGASTRODUODENOSCOPIA NORMAL

Obs. Realizadas biopsias Pré Pílorica para a pesquisa do *Helicobacter Pylori* pelo teste da Uréase (Negativo) conforme pedido)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASILE, A. C., et al., Avaliação farmacológica da *Casearia sylvestris* SW I: Atividade Preventiva Anti-ulcerativa e Toxicidade do Extrato Puro da Folha. J. Ethnopharmacol, 1990 Sep; 30 (2): p. 185-197.
- BERTOLUCCI, S. K. V.; CAPPELLE E. R.; PINHEIRO R. C., Manipulação de Fitoterápicos; Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.
- BOLZANI, V., et al., Pesquisa de Antifúngicos e Compostos Anticâncer em Espécie de Plantas Nativas do Cerrado e da Mata Atlântica. An Acad Bras Cienc, 1999; 71(2): p. 181-187.
- BORGES, M. H. et al., Neutralização das Proteases do Veneno de Cobra Tipo Bothrops Pelo Extrato Aquoso da *Casearia sylvestris* SW. Toxicon, 2001 Dec; 39 (12): p. 1863-1869
- BORGES, M. H. et al., Efeitos do Extrato Aquoso da *Casearia sylvestris* SW na Atividade dos Venenos de Abelha e Cobra e na Atividade das Fosfolipases A (2). Comp Biochem Physiol B, 2000 Sep 1; 127 (1): p. 21-30.
- CARVALHO, J. C. T. Formulário Médico-Farmacêutico de Fitoterapia. Ed. Ciências Brasilis, Alfenas – MG., 2005. p. 5-6, 42-43, 73, p. 134;

CARVALHO, J. C. T. Fitoterápicos anti inflamatórios – Aspectos Químicos, Farmacológicos e Aplicações Terapêuticas. Ed. Tecmedd, Ribeirão Preto, SP., 2004. p. 237-333

CARVALHO, P. R. et al. Diterpenos Clerodano da *Casearia Sylvestris* sw Que Danificam DNA Acetilados. *Phytochemistry*, 1998 Nov. 20; 49 (6): p. 1659-1662

CORRÊA, A. D.; BATISTA, R. S.; QUINTAS, L. E. M.; Plantas Medicinais – do Cultivo À Terapêutica. Ed. Vozes. Petrópolis – RJ. 1998

DRECHER, L. Herbanário da Terra – Plantas e Receitas. Ed. Arpa, Laranja Da Terra – ES., 2001. p. 64

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa; 2ª. Edição; Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro – RJ. 1986

FRANCO, Leme, op. Cit. In Mota, A. L. T. L. Plantas Medicinais e Condimentares. Disponível em: www.ciagri.usp.br. Acesso em 20/02/2007

ITOKAWA, H., et al. Novos Princípios Antitumorais, Casearinas A-F, da *Casearia sylvestris* SW. (Flacourtiaceae). *Chem Pharm Bull* (Tokyo) 1990 Dec; 38 (12): p. 3384-3388.

LORENZI, H.: Árvores Brasileiras – Manual de Identificação e Cultivo de Plantas e Árvores Nativas do Brasil. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, Vol I – 4ª. edição. 2002. p. 131.

LORENZI, H.; Matos, F. J. A. Plantas Medicinais no Brasil – Nativas e Exóticas. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002. p. 220- 221.

MORITA, H., et al., Relação Entre a Estrutura e a Atividade Citotóxica das Casearinas, Novos Diterpenos Clerodanos da *Casearia sylvestris* SW. Chem Pharm Bull (Tokyo), 1991 mar; 39 (3): p. 693-697.

OBERLIES, N. H. et al., Novo Diterpenóide Clerodano Bioativo Das Folhas e Galhos da *Casearia sylvestris* SW. J Nat Prod, 2002 feb; 65 (2): p. 95-99

PANIZZA, S. Plantas que Curam – Cheiro de Mato. São Paulo: Ibrasa, 25ª edição. 1997. p. 116 – 117, 239;

RUPPELT, B. M., et al . Seleção Farmacológica de Plantas Recomendadas Pela Medicina Popular Como Veneno Antiofídico – Atividades Analgésica e Anti-inflamatória. Mem Inst Oswaldo Cruz, 1991; 86 Suppl 2: p. 203-205.

SCHULZ, V.; HANSEL, R.; TYLER, V. E. Fitoterapia Racional – Um Guia de Fitoterapia, Manole, 4ª. edição – 2002

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMAN, G.; MELLO, J. C. P. DE; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P. R. Farmacogogia – Da Planta ao Medicamento. 5ª. edição – Porto Alegre - RS; Florianópolis – SC: UFSC, p. 55, 222, 353.

TESKE, M.; TRENTINI, A. M. M. Herbarium – Compêndio de Fitoterapia, 4ª. edição, Curitiba – PR, 1995. p. 158 -159.

YUNES, R. A.; CALIXTO, J. B. Plantas Medicinais Sob a Ótica da Química Medicinal Moderna. Chapecó – SC, Ed. Argos, 2001.

